

Vol. 02, Nº 04 (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS

A BOLSA AMARELA E A DISCUSSÃO DE GÊNERO
NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ABORDAGEM
LITERÁRIA E PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DOS
DIREITOS HUMANOS

Luís Guilherme Amaral de Abreu

Delma Pacheco Sicsu



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



A Bolsa Amarela e a discussão de gênero no Ensino Fundamental: uma abordagem literária e pedagógica na perspectiva dos Direitos Humanos

2

A Bolsa Amarela And Gender Discussion In Elementary Education: A Literary And Pedagogical Approach From The Perspective Of Human Rights

Luís Guilherme Amaral de Abreu¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0455-7663>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8235879664839932>
E-mail: lgada.let23@uea.edu.br

Delma Pacheco Sicsu²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1828-289X>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6349998977516397>
E-mail: dsicsu@uea.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, como uma ferramenta pedagógica para a discussão de gênero e empoderamento feminino em duas turmas de nono ano Ensino Fundamental em uma escola pública de Parintins/AM. A análise da obra, aliada às teorias de gênero de Simone de Beauvoir e Judith Butler e sob a perspectiva dos Direitos Humanos, demonstra como a literatura pode ser usada para desconstruir estereótipos e promover reflexões críticas sobre papéis sociais e desigualdades. Além disso, são destacados o respaldo legal oferecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e a aplicação prática dessa abordagem em uma atividade desenvolvida na Escola Estadual Irmã Sá, em Parintins-AM, com alunos do 9º ano, reforçando a relevância da temática no contexto educacional brasileiro.

Palavras-Chave: Análise literária, Empoderamento, Práticas pedagógicas, Direitos Humanos, LDB.

Abstract: This article presents *A Bolsa Amarela*, by Lygia Bojunga Nunes, as a pedagogical tool for discussing gender and female empowerment in two ninth-grade elementary school classes. The analysis of the work, combined with the gender theories of Simone de Beauvoir and Judith Butler from the perspective of Human Rights, demonstrates how literature can be used to deconstruct stereotypes and promote critical reflections on social roles and inequalities. In addition, the legal support offered by the Law of Guidelines and Bases of Education (LDB) and the practical application of this approach in an activity developed at the Irmã Sá State School, in Parintins-AM, with 9th-grade students are highlighted, reinforcing the relevance of the theme in the Brazilian educational context.

Keywords: Literary analysis, Empowerment, Pedagogical practices, Human Rights, LDB.

¹ Acadêmico do Quinto do Período de Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

² Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB); Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas. É professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) do curso de Letras. Também é professora da SEDUC (Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Desporto).

A Bolsa Amarela, de Lygia Bojunga Nunes, é um clássico da literatura infantojuvenil brasileira, publicado em 1976. A obra narra à história de Raquel, uma menina que guarda, em sua bolsa amarela, desejos reprimidos e sonhos que desafiam as normas impostas pela sociedade. Através de uma linguagem acessível e de um estilo que mescla fantasia e realidade, Lygia Bojunga explora temas profundos como identidade, repressão de desejos e desigualdade, trazendo à tona questionamentos sobre os papéis sociais atribuídos às meninas e mulheres.

Lygia Bojunga é uma autora reconhecida mundialmente pela sua contribuição à literatura infantojuvenil, tendo recebido o Prêmio Hans Christian Andersen em 1982. Sua obra se destaca por tratar de temas complexos de forma sensível e crítica, permitindo que jovens leitores reflitam sobre questões sociais importantes como gênero, desigualdade e preconceito.

O trabalho com *A Bolsa Amarela* em sala de aula foi uma oportunidade para promover reflexões sobre gênero e igualdade, temas essenciais em uma sociedade que ainda enfrenta desafios estruturais relacionados à discriminação e à desigualdade. Por isso, a escola, enquanto espaço formativo, desempenha um papel crucial na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma cultura de respeito às diferenças.

Escolhi *A Bolsa Amarela* porque é uma obra que dialoga profundamente com temas como identidade, repressão de desejos e desigualdade de gênero, tornando-se uma excelente ferramenta para despertar reflexões críticas em sala de aula. A narrativa de Raquel, com seus sonhos reprimidos e sua resistência às imposições sociais, permite que os alunos se reconheçam na história e questionem as normas que regulam seus próprios desejos e comportamentos. Além disso, a escrita acessível de Lygia Bojunga, aliada à mistura de fantasia e realidade, facilita o envolvimento dos estudantes, promovendo um aprendizado significativo.

A escolha do 9º ano como público-alvo se deu porque essa é uma fase de transição para a adolescência, momento em que os jovens começam a construir uma visão mais crítica do mundo e de si mesmos. As discussões sobre gênero e desigualdade são fundamentais nesse período, pois auxiliam na desconstrução de estereótipos e no fortalecimento da autonomia e do pensamento reflexivo. Além disso, os alunos dessa faixa etária já possuem maturidade suficiente para interpretar a obra além da sua superfície narrativa, permitindo análises mais profundas sobre identidade, sociedade e direitos humanos.

A Temática de Gênero e a Perspectiva da Teoria Queer

A discussão sobre gênero sob a perspectiva da *Teoria Queer* permite uma análise que ultrapassa as noções binárias e tradicionais de identidade e sexualidade. A obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, torna-se um terreno fértil para esse tipo de abordagem, especialmente ao abordar temas como o rompimento com expectativas sociais e a busca por autonomia individual, aspectos que dialogam diretamente com a desconstrução das normas de gênero.

Judith Butler aponta que o “sexo” é uma construção discursiva que opera para unificar artificialmente um conjunto de atributos descontínuos. Segundo a autora:

O ‘sexo’ impõe uma unidade artificial a um conjunto de atributos de outro modo descontínuo. Como discursivo e perceptivo, o ‘sexo’ denota um regime epistemológico historicamente contingente, uma linguagem que forma a percepção, modelando à força as inter-relações pelas quais os corpos físicos são percebidos (Butler, 2003, p. 83).

Essa perspectiva reforça que os papéis de gênero não são intrínsecos aos corpos, mas são resultado de normas históricas e culturais que modelam as percepções. No caso da protagonista Raquel, sua resistência em aceitar os papéis de gênero impostos pela família e sociedade reflete uma desconstrução performativa, como se sua jornada desafiasse o regime epistemológico que define o que é ser “menina”.

A *Teoria Queer*, como enfatizado por Alós (2010), desloca a ideia de um sujeito fixo, introduzindo a performatividade e a descontinuidade como aspectos centrais das identidades. Conforme o autor:

A Teoria Queer possibilita uma ruptura epistemológica que desloca as noções tradicionais do sujeito como único, substituindo o conceito de um ‘eu’ singular e unívoco pelo de um ‘eu’ concebido performativamente através de um processo no qual são mobilizados atos repetitivos e estilizados (Alós, 2010, p. 856).

Esse princípio é fundamental para a leitura de *A Bolsa Amarela*, pois evidencia como Raquel, ao guardar seus desejos reprimidos em sua bolsa, desafia os atos repetitivos que definem o “ser menina” e busca construir um “eu” que seja múltiplo, dinâmico e livre de imposições sociais.

A Linguística Queer e a Linguagem em *A Bolsa Amarela*

A linguagem é um dos principais mecanismos que estruturam e sustentam as normas sociais, incluindo as relacionadas ao gênero e à sexualidade. É por meio dela que

narrativas sobre identidade são construídas, perpetuadas e, eventualmente, contestadas. No entanto, ao mesmo tempo em que a linguagem pode reforçar desigualdades e hierarquias, ela também possui o potencial de desestabilizar discursos opressores e abrir caminhos para a pluralidade de identidades. Nesse contexto, a Linguística *Queer* surge como uma abordagem que desontologiza a língua e a identidade, deslocando a visão de textos como representações estáticas do mundo para comprehendê-los como fenômenos dinâmicos e produtores de realidades (Borba, 2019). Essa perspectiva é fundamental para a análise de obras literárias que questionam as normas sociais, como *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga, cuja narrativa desafia as convenções de gênero e promove reflexões críticas sobre identidade e performatividade.

A Linguística *Queer*, segundo Borba (2019), redefine a relação entre linguagem, gênero e sexualidade ao evidenciar que a língua não apenas reflete o mundo, mas também o produz ao significá-lo. Para Borba, a performance linguística – seja na fala ou na escrita – não expressa uma identidade preexistente; pelo contrário, o que somos é construído como efeito do que dizemos ou escrevemos. Esse vínculo entre língua e discurso permite compreender que os textos são socio-historicamente situados, politicamente formados e produtores de realidades. No caso de *A Bolsa Amarela*, essa perspectiva possibilita analisar como a linguagem na obra desestabiliza normas opressoras e cria um espaço para a pluralidade de identidades.

A narrativa de Lygia Bojunga faz eco à Linguística *Queer* ao questionar as linguagens que nomeiam e definem os papéis sociais da protagonista. Raquel, ao criar um universo próprio dentro de sua bolsa amarela, subverte as normas e promove uma releitura da identidade feminina que transcende o esperado e imposto socialmente. A escolha de Lygia por apresentar personagens e situações que rompem com normas binárias – como o guarda-chuva tratado no feminino e as reflexões do Galo Afonso sobre as pressões sociais – reflete o potencial da literatura para desorientar sentidos fixos e repensar categorias familiares.

Ao contextualizar *A Bolsa Amarela* com base na Teoria *Queer*, observamos que a obra não apenas desafia os estereótipos de gênero, mas também propõe rupturas em discursos opressores, oferecendo novas formas de compreender as identidades. Essa abordagem ressoa com Borba (2019) ao destacar que práticas educativas baseadas na Linguística *Queer* podem contribuir para a formação de indivíduos críticos e abertos à pluralidade, desafiando exclusões e hierarquizações. Nesse sentido, “*A Bolsa Amarela*” não se limita a abordar questões de gênero; ela se torna uma ferramenta pedagógica que promove direitos humanos e valoriza as diferenças como parte essencial da formação cidadã.

Assim, ao conectar a Linguística *Queer* às discussões sobre identidade e linguagem presentes na obra de Bojunga, evidencia-se o papel transformador da literatura na desconstrução de normas sociais. Ao subverter as expectativas e performatividades impostas, a narrativa abre caminhos para uma educação que acolha a pluralidade e valorize a diversidade que constitui o mundo em que vivemos, como defende Borba (2019).

Uma educação que valoriza a diversidade é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, pois permite que diferentes vozes, identidades, histórias e vivências sejam ouvidas, reconhecidas e respeitadas. Ao trazer essa perspectiva para o ensino da literatura, ampliamos o olhar dos alunos para realidades que muitas vezes são invisibilizadas, promovendo a empatia e o pensamento crítico. A literatura, ao narrar experiências humanas diversas, torna-se um poderoso instrumento na luta pelos direitos humanos, pois evidencia desigualdades, questiona padrões opressores e fortalece vozes historicamente silenciadas. Dessa forma, educar para a diversidade por meio da literatura não é apenas uma escolha pedagógica, mas um compromisso com a formação cidadã e com a transformação social.

Os Direitos Humanos em Diálogo com Questões em Torno do Empoderamento Feminino

A literatura sempre desempenhou um papel essencial na formação do pensamento crítico e na promoção de valores humanos universais. Ela é uma manifestação cultural que transcende o entretenimento, servindo como um espaço de reflexão, contestação e resistência. Antonio Cândido (2011) destaca que a literatura corresponde a uma necessidade universal, pois organiza nossos sentimentos e visões de mundo, libertando-nos do caos e humanizando-nos. Assim, negar a fruição da literatura é, em suas palavras, mutilar a nossa humanidade. Nesse sentido, a literatura não apenas revela aspectos da condição humana, mas também denuncia a negação de direitos como a miséria, a servidão e a mutilação espiritual, colocando-se como um instrumento poderoso de desmascaramento das injustiças sociais.

No contexto brasileiro, a escritora Lygia Bojunga exemplifica essa potência transformadora da literatura, pois durante o período da ditadura militar no Brasil, ela utilizou a literatura infantil como forma de resistência, conforme aponta Cristófano (2011). Em um cenário onde os generais ignoravam obras destinadas à crianças e adolescentes, a autora encontrou um espaço para tratar de questões como desigualdade e opressão, disfarçando temas políticos e sociais em narrativas aparentemente simples. Essa estratégia permitiu que suas histórias abordassem, de forma sensível e criativa, temas fundamentais como liberdade, igualdade e democracia.

Antonio Candido (2006) também ressalta que a posição do escritor está diretamente relacionada ao conceito social atribuído a ele pela coletividade. A obra literária, nesse contexto, é um sistema vivo que atua sobre leitores e escritores, estabelecendo uma relação dinâmica de interpretações e ressignificações. Isso significa dizer que a literatura não é um produto estático, mas um processo em constante movimento no qual autor, obra e público interagem e transformam-se mutuamente.

É nesse diálogo que *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, se insere. A narrativa acompanha a trajetória de Raquel, uma menina que enfrenta imposições sociais que limitam seus desejos e sonhos. A obra não apenas questiona estruturas opressoras, mas também dá voz às questões de gênero e empoderamento feminino, tornando-se uma aliada na luta pelos direitos humanos. Como Candido (2011) enfatiza, a literatura tem o poder de denunciar a restrição de direitos e, ao mesmo tempo, inspirar a autonomia individual e coletiva, permitindo que leitores reflitam criticamente sobre suas realidades e aspirações.

Ao retratar as dificuldades de Raquel em lidar com as expectativas sociais que recaem sobre ela, *A Bolsa Amarela* reflete sobre a desigualdade de gênero e promove a discussão de temas como empoderamento feminino e liberdade de escolha. A literatura, nesse caso, atua como um mediador cultural, levando os leitores a reconhecerem a opressão e a resistência presentes nas experiências individuais e coletivas. Conforme Candido (2006), a literatura só vive na medida em que é decifrada e vivida pelos leitores, e *A Bolsa Amarela* exemplifica como essa interação pode provocar mudanças sociais. Por meio de narrativas como a de Bojunga, a literatura se torna um instrumento de empoderamento, permitindo que leitores – especialmente jovens – compreendam sua capacidade de questionar normas e construir novas realidades.

Empoderamento Feminino e Transformação Social

O conceito de empoderamento, como destacado por Berth (2019), é um fenômeno linguístico que reflete a criação de novos significados para palavras ou expressões. No Brasil, o termo adquiriu um significado que vai além da individualidade, representando um processo coletivo e contínuo de desconstrução e reconstrução de indivíduos e grupos. Segundo Berth (2019) o empoderamento prático da coletividade é a base para transformações sociais que beneficiam a todos, sendo uma resposta ao sistema dominante e às desigualdades que ele perpetua.

O empoderamento feminino, nesse contexto, não é apenas a conquista de direitos individuais, mas também um movimento coletivo que visa desmantelar estruturas patriarcais e promover a igualdade de gênero. Ele se alinha aos princípios fundamentais dos direitos humanos, que reconhecem a dignidade, a igualdade e a liberdade como pilares

de uma sociedade justa. Essa conexão entre empoderamento e direitos humanos destaca a necessidade de ações concretas que combatam o machismo estrutural, a misoginia e as violências contra as mulheres, como previsto em instrumentos internacionais como a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (Cedaw, 1979).

Candido (2011) ressalta que “o poder humanizador” da literatura reside em sua capacidade de ser um “objeto construído”, que permite ao leitor confrontar, negar e superar as limitações de sua realidade. No caso do empoderamento feminino, a literatura funciona como uma ferramenta que questiona estereótipos, desestabiliza narrativas hegemônicas e possibilita novas formas de existir e resistir. Obras literárias, ao tratar de questões de gênero e direitos humanos, contribuem para um processo de conscientização coletiva, oferecendo representações que desafiam as normas sociais e incentivam a ação transformadora.

Assim, *A Bolsa Amarela* pode ser vista como um exemplo de empoderamento prático, ao apresentar uma protagonista que enfrenta e desestabiliza as expectativas de gênero impostas pela sociedade. A obra não apenas evidencia as limitações que restringem as mulheres, mas também propõe caminhos de resistência e transformação. Ao dialogar com os leitores, a literatura de Bojunga promove a desconstrução de papéis impostos, incentivando a busca pela igualdade e pela liberdade – princípios centrais dos direitos humanos.

Os direitos humanos fornecem a base ética e jurídica para o empoderamento feminino. Ao reconhecer a igualdade entre homens e mulheres, eles criam as condições para a superação das desigualdades de gênero. No entanto, como Berth (2019) destaca, o empoderamento só é efetivo quando se conecta à coletividade e à luta contra sistemas opressores. Essa perspectiva está diretamente ligada ao empoderamento feminino, que visa não apenas o fortalecimento individual, mas também a transformação das estruturas sociais que perpetuam a discriminação e a violência.

No Brasil, essa luta é particularmente relevante diante de problemas como o machismo estrutural, a exploração sexual e as diversas formas de violência contra as mulheres. Ao mesmo tempo, o empoderamento feminino se torna um meio de promover a dignidade e a autonomia das mulheres, combatendo práticas que as oprimem e as invisibilizam. Nesse sentido, a literatura, ao dialogar com os direitos humanos, desempenha um papel crucial na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao discutir os direitos humanos em torno do empoderamento feminino, é possível observar como a literatura se apresenta como uma ferramenta poderosa para denunciar desigualdades, propor novas perspectivas e inspirar mudanças sociais. Obras como *A Bolsa Amarela* demonstram que, ao questionar e reimaginar os papéis sociais, a literatura

Metodologia

O presente estudo desenvolveu-se a partir de um percurso metodológico que integrou pesquisa bibliográfica, análise literária e prática pedagógica. Inicialmente, procedeu-se à leitura da obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, como ponto de partida para compreender as temáticas centrais e as problemáticas abordadas no texto. Em seguida, foram analisados artigos acadêmicos que discutem a desconstrução de discursos patriarcais e questões de gênero na obra como o texto de Souza, Pereira e Silva (2019), *A desconstrução de discursos patriarcais em A bolsa amarela*, e o estudo de Haase e Salgueiro (2019), *Por que querer ser homem? Uma leitura de A bolsa amarela* (1976). Esses textos contribuíram para situar a relevância da obra no debate sobre desigualdade de gênero e normas sociais.

Posteriormente, aprofundou-se a fundamentação teórica com leituras de obras clássicas de gênero como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir que discute o gênero como construção social e *Problemas de Gênero* (2013), de Judith Butler que aborda a performatividade de gênero. Essas leituras fundamentaram as discussões e conectaram as reflexões propostas pela obra ao debate contemporâneo sobre identidade e desigualdades. A Teoria *Queer* de Butler (1990) também serviu como base para o Projeto Diversidade, que foi utilizado como referência para a prática pedagógica.

A etapa prática foi desenvolvida no dia 16 de Agosto de 2024 na Escola Estadual Irmã Sá, localizada em uma zona periférica da cidade de Parintins-AM, onde a maioria dos estudantes é composta por alunos de baixa renda. Essa realidade social reforça a importância de levar discussões atuais e críticas para diversos níveis sociais, promovendo uma educação mais diversa e sensibilizadora.

A atividade foi realizada em duas turmas do 9º ano, com um total de 70 alunos. Durante a atividade, foram utilizados trechos selecionados de *A Bolsa Amarela* para embasar as reflexões e debates:

- a. Página 35: o diálogo do Galo Afonso sobre a pressão social de ser um galo em um galinheiro, uma metáfora que critica os papéis de gênero e as expectativas sociais impostas.
- b. Páginas 48-49: o trecho sobre “a guarda-chuva”, que assume características femininas e é tratado por pronomes femininos, permitindo um comentário sobre identidade de gênero e a representação de pessoas transgênero.

- c. Página 99: “A Casa dos Consertos”, onde uma família troca de papéis e atividades ao toque de um sino, independente de normas de gênero ou idade, evidenciando a performatividade da identidade e como ela é construída socialmente.

10

Os trechos foram lidos e discutidos com os alunos, relacionando-os às teorias de Simone de Beauvoir e Judith Butler. A abordagem promoveu diálogos sobre conceitos como gênero, sexo biológico, empoderamento feminino e performatividade, conectando a narrativa literária às experiências dos próprios alunos.

A atividade foi avaliada por meio da observação das interações e reflexões dos estudantes durante os debates, além de perguntas abertas ao final da apresentação. A recepção foi positiva, pois os alunos demonstraram engajamento e curiosidade ao discutir temas como identidade de gênero e papéis sociais. Muitos desses alunos relataram que nunca haviam discutido questões de gênero ou refletido sobre os impactos dessas construções em suas vidas.

A escolha da obra e dos trechos lidos revelou-se estratégica, pois conectou temas universais a exemplos concretos da literatura, permitindo que os alunos, mesmo em um contexto de vulnerabilidade social, se identificassem com as discussões propostas. Ao discutir temas contemporâneos como diversidade e direitos humanos, a atividade contribuiu para ampliar o repertório cultural e crítico dos estudantes, reforçando a ideia de que a escola é um espaço de transformação social.

Além disso, a atividade evidenciou como a performatividade constrói nossas identidades de forma cotidiana, demonstrando que papéis de gênero são construções sociais e culturais que podem ser desconstruídas. Essa abordagem ofereceu aos alunos uma visão mais ampla sobre igualdade, respeito às diferenças e empoderamento feminino, alinhada aos princípios dos direitos humanos.

Com base no percurso descrito, a metodologia mostrou-se eficaz pois integrou pesquisa teórica, análise literária e prática pedagógica, conectando literatura e teoria a discussões críticas sobre gênero e empoderamento feminino. A experiência com os alunos da Escola Estadual Irmã Sá revelou o potencial transformador da literatura, especialmente em contextos sociais vulneráveis, permitindo que os estudantes refletissem sobre temas atuais de forma acessível e significativa. Essa abordagem demonstra que o ensino de literatura, quando aliado à reflexão crítica, pode se tornar um instrumento poderoso na promoção dos direitos humanos e da igualdade.



<https://doi.org/10.5966/fiosdeletras.v2i04.4418>



<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

O Projeto Diversidade, iniciado em 2021 no contexto universitário de Parintins, tem como objetivo central promover a reflexão sobre diversidade de gênero e orientação sexual, além de combater sistematicamente práticas discriminatórias como homofobia e transfobia no ambiente escolar. Para além dessas questões, o projeto também enfatiza o enfrentamento ao machismo estrutural e às diversas formas de violência contra mulheres, como o assédio e a exploração sexual infantojuvenil.

Ao se inserir no contexto escolar, o Projeto Diversidade promove uma articulação com os direitos humanos, destacando a urgência de combater a violência histórica enfrentada pela comunidade LGBTQIAPN+, pois apesar dos avanços nos direitos civis, como o casamento homoafetivo e a transição de gênero, a realidade ainda é marcada por agressões físicas e psicológicas frequentes, conforme apontam os relatórios analisados pelo IPEA e divulgados no Atlas da violência (2024). Nesse cenário, a abordagem do projeto dialoga com a *Teoria Queer*, que, segundo Borba (2019), propõe uma desestabilização das normas que naturalizam desigualdades. Para Borba, a desconstrução de categorias fixas e opressoras permite uma reestruturação de identidades de forma plural, promovendo maior inclusão e respeito à diversidade.

Durante a atividade realizada com duas turmas do 9º ano na Escola Estadual Irmã Sá, foram apresentados conceitos fundamentais como gênero, sexo biológico e empoderamento feminino, que serviram como base para o diálogo com a narrativa de “A Bolsa Amarela”. A abordagem interativa incluiu questionamentos iniciais sobre o que os alunos compreendiam sobre esses conceitos. Suas respostas foram analisadas e ampliadas ao longo da apresentação, enquanto as temáticas emergiam a partir da análise dos trechos da obra.

[Figura 1: apresentação da Análise]



Fonte: Abreu/Sicsu, 2024.

Trechos como o diálogo do Galo Afonso, que critica a pressão social para cumprir um papel predefinido e a reflexão sobre o guarda-chuva tratado no feminino, ampliaram o entendimento dos alunos sobre performatividade de gênero. A obra permitiu que os estudantes refletissem sobre como normas sociais e linguísticas constroem identidades e perpetuam desigualdades. Esse processo dialoga diretamente com a proposta de Borba (2019), que destaca a importância de uma educação linguística crítica para desconstruir discursos opressores e fomentar a pluralidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, legitima a inclusão de temas como diversidade sexual, gênero e direitos humanos no currículo escolar. Em seus artigos 26 e 32, a LDB destaca a importância de temas transversais que promovam a cidadania, a igualdade e a prevenção de todas as formas de violência. Essa transversalidade está diretamente ligada ao combate à discriminação, promovendo uma educação inclusiva e equitativa.

Segundo Almeida e Leal (2022), a LDB considera a diversidade como um elemento essencial para a construção de uma educação que respeite as diferenças e combatá a exclusão social. Nesse sentido, a abordagem de *A Bolsa Amarela* como ferramenta pedagógica reforça a necessidade de integrar esses temas às práticas escolares, não apenas como conteúdo curricular, mas como parte de uma formação crítica e cidadã.

A atividade evidenciou que a literatura, ao ser conectada a questões contemporâneas de direitos humanos, pode ampliar a consciência crítica dos alunos. Ao abordar temas como desigualdade de gênero e empoderamento feminino, a obra de Lygia Bojunga permitiu que os estudantes reconhecessem e questionassem normas opressoras, refletindo sobre suas próprias realidades. Essa prática pedagógica, ancorada na Teoria Queer e nos princípios da LDB, reforçou a escola como um espaço de transformação social, onde o respeito à diversidade e a promoção da igualdade são valorizados como pilares de uma educação de qualidade.

Assim, *A Bolsa Amarela*, no contexto do Projeto Diversidade, reafirmou-se como uma ferramenta essencial para integrar discussões críticas sobre gênero e identidade no ambiente escolar, alinhando a literatura aos valores fundamentais dos direitos humanos.

[Figura 2: livro apresentado à turma]



Fonte: Abreu/ Sicsu, 2024.

A análise de *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga Nunes, aliada à reflexão sobre as teorias de gênero e o empoderamento feminino, demonstra como a literatura pode ser um poderoso veículo de transformação no contexto educacional. Ao envolver alunos do Ensino Fundamental em discussões sobre os papéis de gênero e as desigualdades sociais, a obra não só fomenta a reflexão crítica, mas também incentiva a construção de uma consciência mais cidadã e igualitária. A prática pedagógica desenvolvida na Escola Estadual Irmã Sá, em Parintins-AM, exemplifica a aplicabilidade das discussões de gênero dentro do ambiente escolar, evidenciando o impacto positivo que uma abordagem integrada à literatura, direitos humanos e teorias de gênero podem ter na formação de jovens mais conscientes e comprometidos com a justiça social. Conclui-se, portanto, que iniciativas como essa são essenciais para a construção de uma educação inclusiva e transformadora, capaz de combater estereótipos e promover uma sociedade mais igualitária.

Referências

- ALMEIDA, Daivane Azevedo de; LEAL, Fabiana Soares Fernandes. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB): contribuições para a inclusão do tema diversidade sexual e de gênero no ensino brasileiro*. Research, Society and Development, v. 11, n. 11, e43711133845, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i11.33845>. Acesso em: 6 jan. 2025.
- ALÓS, A. P. *Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis (SC). v. 18., n. 3., p. 837-864, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/qct6T7rqY7HDJyXkZwBhJdp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000300011>
- BEAUVOIR, Simone. *Segundo Sexo – a experiência vivida*; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BERTH, J. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais)
- BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela*. 36. ed., 5. reimpr. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2023.
- BORBA, Rodrigo. *Conhecendo a Linguística Queer [Entrevista concedida a] Héliton Diego*. Revista X, Curitiba, volume 14, n 4, p.8 – 19, 2019.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 6 jan. 2025.

14

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: _____. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

_____. *Literatura e sociedade*. 9. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). *Atlas da violência 2024*. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>

CRISTÓFANO, Sirlene. *O discurso feminino em A bolsa amarela: A busca pela libertação da mulher*. REEL—Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 2, ano 7, n. 9, 2011.

HAASE, Jéssica; SALGUEIRO, Wilberth. *Por que querer ser homem? Uma leitura de A bolsa amarela (1976), de Lygia Bojunga Nunes*. Contexto, Vitória, n. 36, 2019/2. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br>. Acesso em: 6 jan. 2025.

SOUZA, Lizandra Lima de; PEREIRA, Jaquelânia Aristides; SILVA, Maria Valdenia da. *A desconstrução de discursos patriarcais em A bolsa amarela, de Lygia Bojunga Nunes*. Revista e-scrita, Nilópolis (RJ), v. 10, n. 1, p. 63-76, jan./abr. 2019.

Recebido: 22/05/2025

Aceito: 09/07/2025

Publicado: 14/07/2025

Vol. 02, Nº 04 (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

